

USOS DA PREPOSIÇÃO “EM” POR FALANTES DE ITALIANO NA APRENDIZAGEM DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA PERSPECTIVA LINGUÍSTICO-ECOSSISTÊMICA

*USES OF THE PREPOSITION “EM” BY ITALIAN SPEAKERS IN LEARNING BRAZILIAN PORTUGUESE:
A LINGUISTIC-ECOSYSTEMIC PERSPECTIVE*

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto¹

Stephanie de Carvalho Guerra²

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa inserida no projeto “Epistemes e tradições linguísticas e literárias para o ensino de português brasileiro em contexto italiano”, vinculado ao grupo de pesquisa “UFG-CNPq — Rede de estudos da língua portuguesa ao redor do mundo”, e ao projeto “REDE/Itália — O português brasileiro em contexto italiano: aspectos sociais, políticos e linguísticos”. O objetivo geral do REDE/Itália é oferecer subsídios para o ensino de português brasileiro como língua adicional nas instituições italianas envolvidas, bem como promover a integração entre os pesquisadores do PPGLL-UFG e as universidades italianas. Considerando esse contexto, o objetivo específico desse estudo é analisar os usos da preposição “em” pelos falantes de italiano como língua materna na aprendizagem do português brasileiro como língua adicional. Para verificar como as preposições estão sendo empregadas para abranger significados para além do prototípico, selecionamos 5 textos exemplificativos retirados de um *corpus* de 20 textos produzidos por estudantes italianos que estão aprendendo português brasileiro no Centro Cultural Brasil-Itália (CCBI) em Roma. A fundamentação teórica é baseada na Linguística Ecológica (LE), com foco na Ecologia das Relações Espaciais (ERE), conforme desenvolvida por Couto (2017). Quanto aos resultados, identificamos que dentre as vinte e sete situações de uso do “em”, dezenove apresentaram uso prototípico, enquanto oito denotaram usos não-prototípicos. Essa maior frequência de emprego do “em” prototípico sugere que os estudantes evitam explorar usos menos convencionais da preposição como uma estratégia de comunicação mais segura, enquanto desenvolvem domínio da língua-alvo. **PALAVRAS-CHAVE:** Projeto Rede/Itália. Português brasileiro. Preposição “em”. Linguística Ecológica. Ecologia das Relações Espaciais.

ABSTRACT

This paper presents a research project within the framework of the “Epistemes e tradições linguísticas e literárias para o ensino de português brasileiro em contexto italiano” project, linked to the research group “UFG-CNPq — Rede de estudos da língua portuguesa ao redor do mundo”, e ao projeto “REDE/Itália — O português brasileiro em contexto italiano: aspectos sociais, políticos e linguísticos”. The general objective of REDE/Itália is to provide support for the teaching of Brazilian Portuguese as an additional language in the Italian institutions involved, as well as to promote integration between researchers from PPGLL-UFG and Italian universities. Considering this context, the specific objective of this study is to analyze the uses of the preposition “em” by Italian speakers as their native language in learning Brazilian Portuguese as an additional language. To verify how prepositions are being used to encompass meanings beyond the prototypical, we selected 5 exemplificative texts taken from a *corpus* of 20 texts produced by Italian students learning Brazilian

¹ Universidade Federal de Goiás (UFG), elza.couto@ufg.br, <https://orcid.org/0000-0002-0987-8448>.

² Universidade Federal de Goiás (UFG), guerrastephanie@hotmail.com, <https://orcid.org/0009-0006-8894-8411>.

Portuguese at the Centro Cultural Brasil-Itália (CCBI) in Rome. The theoretical framework is based on Linguística Ecológica (LE), focusing on the Ecologia das Relações Espaciais (ERE), as developed by Couto (2017). Regarding the results, we identified that out of twenty-seven instances of the use of “em”, nineteen presented a prototypical use, while eight denoted non-prototypical uses. This higher frequency of the prototypical use of “em” suggests that students avoid exploring less conventional uses of the preposition as a safer communication strategy while developing proficiency in the target language.

KEYWORDS: REDE/Itália Project. Brazilian Portuguese. Preposition “em”. Linguística Ecológica. Ecologia das Relações Espaciais.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho se insere no projeto “Epistemes e tradições linguísticas e literárias para o ensino de português brasileiro em contexto italiano”, vinculado ao grupo de pesquisa “UFG-CNPq — Rede de estudos da língua portuguesa ao redor do mundo”, e ao projeto “REDE/Itália — O português brasileiro em contexto italiano: aspectos sociais, políticos e linguísticos”. O objetivo geral do REDE/Itália é fornecer subsídios para o ensino de português brasileiro como língua adicional nas instituições italianas envolvidas, além de promover a integração entre os pesquisadores do PPGLL-UFG e as universidades italianas.

Nesse cenário, uma das áreas de foco é o emprego de preposições, devido ao seu papel fundamental na construção de significados na língua portuguesa. Dentre elas, a preposição “em” se destaca pela sua versatilidade, apresentando usos que vão além dos casos prototípicos. Para falantes de italiano, compreender essas nuances pode ser desafiador ao aprender o português brasileiro como língua adicional. Portanto, esse estudo identificará como esses aprendizes empregam essa preposição e suas variantes, avaliando se conseguem transcender o sentido prototípico de “em”, que denota “interioridade”, para utilizá-la em contextos menos convencionais.

Para alcançar esse objetivo, a metodologia adotada envolverá a análise de um *corpus* composto por textos produzidos por estudantes italianos aprendendo português brasileiro no Centro Cultural Brasil-Itália (CCBI), com sede em Roma. A análise se baseia na Linguística Ecológica (LE), com ênfase na Ecologia das Relações Espaciais (ERE), conforme proposta por Hildo Honório do Couto (2017). Os textos foram examinados para identificar ocorrências da preposição “em” e de suas variações, classificando-as em prototípicas e não-prototípicas, conforme os critérios estabelecidos pela teoria ecológica. Esse estudo apresentará um panorama geral dos usos observados, destacando tendências no emprego da preposição “e” pelos aprendizes. Essa abordagem permitirá uma reflexão sobre como esses estudantes utilizam essa classe gramatical, e como empregam estratégias para adaptar seu uso em diferentes contextos linguísticos.

A fim de organizar a pesquisa, o artigo será estruturado em quatro seções. A primeira seção introduzirá um contexto geral da Linguística Ecológica (LE), destacando sua relevância para o estudo das relações entre língua e ambiente. Essa seção se subdividirá em: subseção 1.1 “Ecologia das Relações Espaciais”, que explorará a Ecologia das Relações Espaciais (ERE) como um subcampo da LE, e subseção 1.2 “A ‘Dança das preposições’ pelo viés da Ecologia das Relações Espaciais”, que

abordará as preposições sob a ótica da ERE, investigando a evolução dos significados das preposições a partir de uma abordagem semasiológica. A segunda seção abordará a metodologia da Linguística Ecolinguística. Na terceira seção, apresentaremos uma análise exemplificativa das ocorrências da preposição “em” no *corpus* estudado, destacando os usos prototípicos e não-prototípicos identificados nos textos dos estudantes italianos. Por fim, a última seção apresentará as conclusões do estudo, destacando a predominância dos usos prototípicos da preposição “em” e discutindo as implicações pedagógicas dessas observações para o ensino de português.

1. Desdobramentos da Ecolinguística: o surgimento da Linguística Ecolinguística (LE)

Se apresentassem o termo “Ecolinguística” a um leigo e lhe pedíssemos que tentasse deduzir o objetivo de estudo dessa disciplina, provavelmente ele associaria o prefixo “eco” à Ecologia e “Linguística” à Linguagem. Embora represente uma ideia simplificada, ela, de fato, aproxima-se do propósito da teoria. Inspirada na Biologia, a Ecolinguística se propõe a estudar as inter-relações entre língua e meio ambiente. De forma análoga à Ecologia, definida por Haeckel (1866) como “a ciência que estuda a relação dos organismos com o ambiente” (Fiedler *et al.*, 2021, p. 233), a Ecolinguística nos mostra que, assim como os organismos estabelecem relação com o hábitat que os circunda, nós, seres humanos, integrados a um determinado espaço, igualmente interagimos uns com os outros. E essa interação, cabe destacar, ocorre através de complexos processos de linguagem.

No contexto da relação entre língua e ambiente, Edward Sapir é considerado um dos pioneiros, tendo incorporado em suas reflexões não apenas aspectos sociais, mas também fatores físicos, em contraste com as tendências predominantes na época (Couto; Fernandes, 2013, p. 293). Segundo Sapir (1969, *apud* Silva, 2020, p. 25), os elementos físicos abrangem tanto os fatores abióticos, essenciais para a sobrevivência dos organismos, como o relevo, clima e pluviosidade, quanto os elementos bióticos, referentes a todos os seres vivos que compõem a comunidade biológica. Essa nova perspectiva de pensamento, que concebe a língua como intrinsecamente ligada aos ambientes físicos e sociais, representa um importante passo em direção ao desenvolvimento da Ecolinguística como campo de estudo.

No entanto, foi Haugen, durante os anos 1970, que se destacou como o precursor da Ecolinguística (Couto; Fernandes, 2013, p. 293-294). Apesar de não ter utilizado o termo tal como é difundido atualmente, mas as expressões “ecology of language” e “language ecology”, ele foi o pioneiro nesse campo. Após uma palestra em que abordou o tema, Haugen publicou o livro “The ecology of language” (Stanford University Press, 1972), estabelecendo-se como o predecessor da teoria. Curiosamente, o primeiro registro escrito da palavra “Ecolinguística” (1975) foi creditado ao sociolinguista Jean-Baptiste Marcellesi (Couto, 2018, p. 97-98). De todo modo, independentemente de quem registrou a palavra primeiro, o que se presencia são crescentes vertentes e modelos teórico-metodológicos para a perspectiva ecológica da língua.

Isso posto, se Haugen contribuiu com os fundamentos teóricos da Ecolinguística, definida como “o estudo das interações entre qualquer língua específica e seu ambiente” (1972, *apud* Couto,

2013, p. 278), Alwin Frank Fill foi o responsável por estabelecer sua finalidade e promovê-la como disciplina. Ao examinar as pesquisas em andamento no campo da Linguística Aplicada, com destaque para os estudos de Michael Halliday, Fill (2015) enfatizou a necessidade de os linguistas irem além das questões estruturais da língua. O foco principal passou a ser as interações comunicativas entre indivíduos e o ambiente ao seu redor. Isso não significa que os aspectos gramaticais tenham perdido importância, mas que a atenção se voltou para a forma como o sistema linguístico se organiza para construir realidades, especialmente aquelas influenciadas por uma perspectiva antropocêntrica.

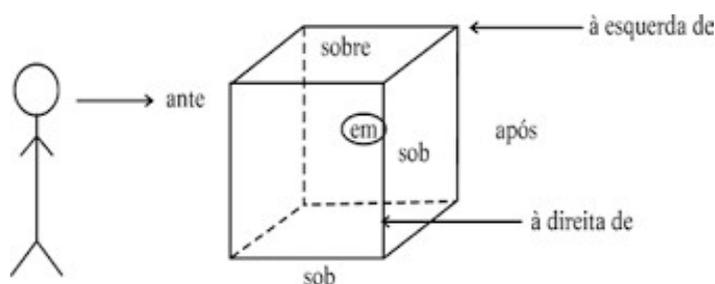
Após esse percurso sobre as bases instituidoras da Ecolinguística em uma visão macro (“visão ecológica de mundo”), vamos direcioná-la para o contexto nacional. No Brasil, o primeiro linguista a tratar do assunto foi o professor Dr. Hildo Honório do Couto no texto “The place of place in creole genesis” (1998), apresentado no Simpósio “Pidgin and creole languages in the 21st century” em Nova Iorque. Desde então, Couto tem sido uma das principais referências de pesquisadores dedicados à área. Em 2007, com a publicação de “Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente”, instaurou-se a vertente da Ecolinguística no país, que a partir de 2015 passou a ser denominada “Linguística Ecológica” (Couto, 2015).

1.1. Ecologia das Relações Espaciais (ERE)

Em oposição à concepção tradicional de que as preposições são meros conectores sintáticos, a Linguística Ecológica (LE) as compreende como capazes de desempenhar funções para além das morfosintáticas. Nessa perspectiva, diversos linguistas contemporâneos propõem uma revisão do conceito, segundo a qual essa categoria gramatical exerce um papel relevante nos enunciados, uma vez que sua presença ou ausência pode acarretar alterações no campo semântico. Por exemplo, enquanto em “Fui a trabalho” a preposição contribui para transmitir a noção de “finalidade”, em “Fui **para** o trabalho” ela indica “movimento/direção a”. Dessa forma, constata-se que, na verdade,

tudo na língua é semântico, isto é, tudo tem um significado. [...] As preposições não fazem exceção a isto: Nós trabalhamos com ele, e não contra ele. Contextos deste tipo ressaltam bem o significado de unidades como com ele e contra ele, auxiliados por diferentes preposições. [...] Ora, cada preposição tem o seu significado unitário, fundamental, primário, que se desdobra em outros significados contextuais (sentido), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e da nossa experiência de mundo. (Bechara, 2009, p. 250).

Em conformidade com essa abordagem, Couto (2007, 2012, 2017) fundamentou sua pesquisa sobre as preposições na Linguística Ecológica (LE), especialmente na Ecologia das Relações Espaciais (ERE), com base nas contribuições de Bernard Pottier (1962 *apud* Couto *et al.*, 2017, p. 188). Ao adotar uma representação tridimensional, Couto (2017, p. 189) sugere que as preposições possuem uma semântica espacial intrínseca, enfatizando a primazia espacial dessa categoria gramatical. Além disso, ele argumenta que os outros significados atribuídos às preposições, como os nocionais e temporais, podem ser reduzidos à sua natureza espacial (Couto, 2010 *apud* Simião, p. 88, 2018).

Figura 1: Representação prototípica das preposições pela ERE

Fonte: Couto, 2007, p. 91

De acordo com a figura 1, Couto (2017, p. 189-190) classificou as preposições em dois grupos: aquelas que requerem necessariamente a presença de um observador, e aquelas que existem independentemente de quem as observe, “está objetivamente lá”. Essa divisão é seguida por uma subdivisão. As preposições que não dependem de um observador abrangem as seguintes relações: “interioridade” em oposição à “exterioridade”, “horizontalidade” em oposição à “verticalidade”, e “superioridade” em oposição a “inferioridade”. Por outro lado, as preposições que dependem de um observador envolvem as relações de “anterioridade” em oposição a “posterioridade”, e “dexteridade” em oposição a “sinistridade”.

Em relação a esse cubo tridimensional (figura 1), explicaremos sucintamente cada uma das relações que ele representa. Segundo Couto (2013, p. 74), a preposição “em” é comumente empregada para expressar a ideia de “interioridade” em diversas línguas ao redor do mundo, embora haja outras expressões prepositivas com significado similar, como “dentro de”. Entre as dez relações analisadas, a “interioridade” é considerada a mais abrangente e universal, pois sua representação existe independentemente da observação de alguém. Mesmo que alguém possa observar o fenômeno, essa observação é subsequente ao próprio fato em si.

Na continuidade da análise, observamos a distinção entre a noção de “interioridade” e de “exterioridade”, sendo esta última frequentemente expressa pela preposição “fora de”. A ausência de uma exploração mais aprofundada desse conceito por Couto, inclusive nem consta no modelo tridimensional, pode ser atribuída às características físicas do que está sendo levado em consideração. É possível que o pesquisador tenha priorizado a análise da “interioridade” devido à sua relevância na estruturação do espaço e na compreensão das relações espaciais mais comuns da linguagem.

No que tange às relações de “horizontalidade” e de “verticalidade”, Couto (2017, p. 189) menciona que elas são importantes para estabelecer as demais relações. De modo a obtê-las, é necessário traçar uma linha imaginária vertical partindo de “sobre” até “sob”, e uma linha horizontal partindo de “antes” até “depois”. No cruzamento entre elas, encontra-se o “em”. Essas relações verticais e horizontais são fundamentais para compreender as relações de “superioridade” e de “inferioridade”, que não devem ser confundidas com sentidos qualitativos intrínsecos. Quando dizemos que um objeto

está “sobre” algo, indicamos uma posição superior no eixo vertical, enquanto “sob” aponta uma posição inferior. Essas relações de “superioridade” e de “inferioridade” são puramente espaciais, e não implicam que o elemento superior seja melhor ou mais valioso que o inferior.

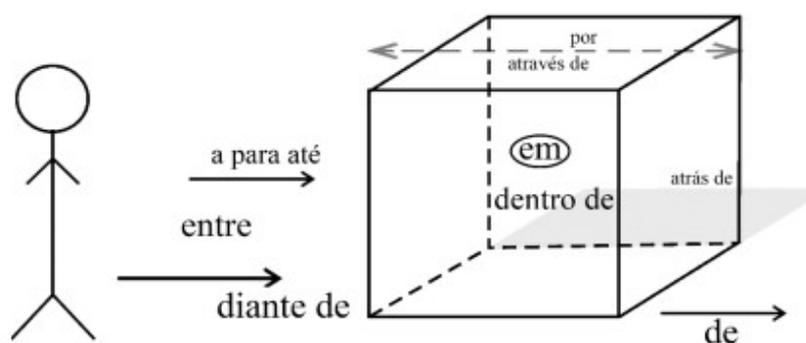
Quando consideramos a linha horizontal, surgem as relações de “anterioridade” e de “posteridade”, comumente expressas por “antes” e “após”, respectivamente. Além disso, nesse mesmo eixo, encontramos as relações de “dexteridade” e de “sinistridade”, representadas por “à direita de” e “à esquerda de”. Por exemplo, ao dizer que uma cidade está “antes de” outra, estamos estabelecendo uma relação de sequência temporal ou espacial, sendo importante ressaltar que o conceito de “antes/depois” é relativo e depende do referencial utilizado. De forma análoga, ao afirmar que um objeto está “à direita de” outro, estamos indicando uma posição lateral específica em relação a um ponto de referência. Essas relações horizontais são essenciais para descrever a ordem, direção e posição de elementos em um espaço físico ou temporal.

1.2. A “Dança das preposições” pelo viés da Ecologia das Relações Espaciais

A expressão “Dança das preposições” é utilizada para descrever o fenômeno em que as preposições, inicialmente desenvolvidas com um sentido espacial, adquirem ao longo do tempo outras conotações semânticas (Couto, 2012, p. 202). Esse processo resulta do estudo semasiológico, que analisa os significados das palavras, a partir de suas formas. Ao adotar uma abordagem semasiológica no estudo das preposições, é possível observar que elas podem assumir significados distintos, que não estão diretamente relacionados ao espaço, mas têm como base o sentido espacial original. Esses novos significados podem ser derivados ou influenciados pelo sentido inicial da preposição. As preposições espaciais passam por modificações em sua utilização devido à sua natureza flexível e aberta, o que faz com que seu conteúdo semântico seja influenciado pelas palavras com as quais se associam em uma frase.

Em outras palavras, as preposições são moldadas pelo contexto em que são empregadas. Com o intuito de expressar noções espaciais de forma mais específica, muitas vezes as preposições são substituídas por locuções prepositivas. Essas locuções surgem a partir de uma evolução histórica das preposições simples. Em síntese, a expressão “Dança das preposições” se refere à capacidade de esses elementos linguísticos adquirirem significados semasiológicos distintos além do sentido espacial original, graças à sua flexibilidade e à interação com o contexto (Guerra, 2023, p. 43). Esse processo dinâmico ocorre por meio de mudanças semânticas ao longo do tempo, bem como pela emergência de locuções prepositivas para expressar noções espaciais mais específicas.

Ao aplicar a abordagem semasiológica, que considera os significados das palavras a partir de suas formas, foi possível incluir essas relações no cubo tridimensional da ERE. O resultado foi um novo cubo mais conciso, que apresenta formas distintas para representar as posições e os movimentos prototípicos. Essa visão está ilustrada na figura 2 a seguir.

Figura 2. Representação da “Dança das preposições”.

Fonte: Simião, 2018, p. 127.

2. A metodologia na Linguística Ecológica

Tendo em vista que a Linguística Ecológica, vertente da Ecolinguística no Brasil, é uma teoria recente, há de se convir que as pesquisas nela desenvolvidas também o são. Em razão disso, seus métodos de análise ainda estão sendo definidos. E esse é um ponto no qual alguns críticos se debruçam, estigmatizando-a por não ter um método próprio (Albuquerque, 2015, p. 132). No entanto, esse posicionamento não é pertinente, posto que pensar pela perspectiva ecológica pressupõe dinamismo. Dessa forma, para alcançarmos os objetivos, a ótica cartesiana, para a qual cada teoria comporta um método específico, limitaria a percepção do pesquisador em relação aos vários elementos que se articulam nas interações comunicativas. Assim, a visão ecológica de mundo demanda um olhar para as relações entre língua, povo e território em sua integralidade.

Ou seja, apesar de a Linguística Ecológica ter muito pouco tempo como uma disciplina científica, ela nos mostra que o fazer ciência nos moldes tradicionais, nos quais o olhar se volta para o objeto em uma única direção, é contraproducente. Dito de outro modo, para estudarmos os fenômenos relacionados à linguagem, será preciso dispor de métodos diversificados, tamanha é a complexidade das relações entre língua e meio ambiente. Em vista disso é que a Linguística Ecológica se sobressai, ao preconizar uma abordagem multimetodológica, multidisciplinar. No entanto, eleger vários métodos não implica que tudo é permitido. A partir do momento em que o pesquisador/a pesquisadora define seu problema de pesquisa, a escolha por quais caminhos seguir obedecerá a uma lógica. A seleção desses percursos não ocorre de forma aleatória. Os métodos de análise precisarão não apenas estar relacionados ao objeto de estudo específico, mas lhes serem complementares.

Uma vez dispostos, os métodos apropriados oferecerão subsídios a esse pesquisador, de modo que este module seu olhar tanto para o aspecto microscópico do fenômeno em questão, quanto para as diversas facetas que o constituam. É o que Couto (2018, p. 26) apresenta como o “método da focalização”, em referência ao proposto por Garner (2004). Ao nos debruçarmos sobre um determinado objeto, devemos esquadrihá-lo tomando como pontos de referência as perspectivas de “diferentes janelas”, bem como àquelas que a “cumeira da casa” também nos possibilitem enxergar.

Na prática, a proposta é que o investigador/a investigadora se inteire do conhecimento através de uma abordagem holística (termo derivado do grego *holos*, que significa “o todo, completo, global”), na medida em que se atenha às relações e às interações entre o objeto e o seu contexto. É importante destacar, no entanto, que partir do micro ao macroscópico (ou vice-versa) tende a propiciar um ponto de vista o mais completo possível, embora não signifique que o pesquisador/a pesquisadora precise se aprofundar em tudo. Alinhar-se ao paradigma da visão ecológica de mundo (VEM), em contrapartida à visão ocidental de mundo (VOM), mecanicista e reducionista, na qual há uma supremacia do homem em relação à natureza, possibilita ver e compreender o mundo não de modo fragmentado, mas como um sistema em que todos os elementos físicos, biológicos e socioculturais se interconectam.

Com base nessa concepção integradora e sistêmica, realizaremos as análises dos dados. Considerando que o foco da pesquisa é o uso da preposição “em”, e que essa partícula gramatical desempenha uma função de grande importância na construção do sentido, uma vez que estabelece relações que contribuem para a atribuição de significado, analisaremos se as escolhas lexicais foram remanejadas para indicar outras acepções para além da prototípica. Para isso, o método de análise se fundamenta na distribuição semântica das preposições no cubo tridimensional da Ecologia das Relações Espaciais (ERE), que sugere que o significado de uma palavra não está limitado exclusivamente a ela própria, mas é influenciado por vários elementos e por relações contextuais. Em vez de considerar o significado como algo estático e fixo, a abordagem da LE enfatiza a importância do contexto, das relações e das experiências compartilhadas na atribuição de sentido.

3. Análise dos usos da preposição “em” por estudantes italianos aprendendo português brasileiro

Dentre um rol extenso de preposições e de locuções prepositivas, a escolha por analisar o “em” não foi aleatória. No artigo “A ecologia das relações espaciais: as preposições do crioulo guineense”, Couto (2007, p. 91) propõe que o conectivo mais abrangente, “universal”, e por isso o mais comum nas línguas do mundo é o “em”, no equivalente em português. E por ser ela a preposição menos marcada da língua, sua relação mais prototípica denotaria “interioridade”. À vista disso, colocaremos em contato as noções de sentido prototípico postuladas pela ERE, e as noções de sentido historicamente mais antigas registradas nos dicionários, nas gramáticas etc.

Isso posto, retomando o sentido prototípico de “em”, poderíamos dizer que essa percepção de “interioridade” tanto pode estar relacionada à noção de estaticidade, de permanência, quanto à noção de movimento. E cada qual dessas acepções pode ser melhor compreendida, por exemplo, a partir do latim. De acordo com Poggio (2002, p. 189), a preposição latina “in” correspondente ao “em” português regia o caso ablativo, cuja função era indicar o lugar no qual uma ação se desenvolvia, à semelhança de um adjunto adverbial, bem como o caso acusativo, que equivaleria a um objeto direto. O “in”, portanto, associado ao ablativo indicaria “lugar no qual uma ação acontece” (estático), ao passo que relacionado ao acusativo designaria “lugar para o qual uma ação se dirige” (dinâmico).

Em suma, o que entendemos desses usos é que ao transpor a preposição “in” do latim para o português, seu sentido originário necessariamente se vinculava ao espaço. Para além disso, seja modificando um verbo, seja complementando-o, o fato é que o processo histórico documentado pelo qual as preposições passaram até às línguas românicas, com maior enfoque para a língua portuguesa e para o italiano, está longe de capturar a abundância de valores semânticos imbricados nelas. De tal sorte que a preposição portuguesa “em” pode denotar uma variedade de significados que vão além de sua origem espacial, evidenciando a complexidade e a riqueza semântica desses elementos linguísticos.

Essa larga distribuição de “em” se deve ao fato de essa preposição ser a menos marcada no cubo tridimensional da ERE, conforme detalhado na subseção 1.1. Dito de outro modo, o “em” é amplamente empregado em diferentes contextos, por se situar em uma posição central, universal, mais genérica, razão pela qual consegue ser remanejado em várias direções, uma vez que está adjacente a todos esses posicionamentos. De forma análoga ao português, a preposição “in” do italiano também abarca uma variedade de significados, incluindo os de estaticidade/permanência e os de movimento em relação a um lugar.

Nesse sentido, selecionei cinco textos, cujo critério de escolha foi baseado na identificação de usos mais representativos de prototipicidade, bem como a presença de exemplos de usos não-prototípicos. A partir disso, esses textos poderão nos fornecer uma visão mais completa dos padrões de uso de “em” e de suas variantes, destacando a capacidade de as preposições se adaptarem a diversos ambientes, corroborando a afirmação de que esses conectivos possuem uma natureza flexível e aberta, sendo moldados pelo contexto.

Dito isso, façamos a análise dos usos da preposição “em” pelos estudantes italianos de português. No Anexo 2 (Guerra, 2023, p. 57-59), os exemplos de uso da preposição “em” e de suas variantes foram estes:

4. “[...] eu morava *em* Bruxelas”.
5. “Eu estava deitado *no* banco de trás do carro”.
6. “[...] estava chegando *em* casa com meus pais”.
7. “De repente, a moeda caiu das minhas mãos, terminando *na* minha boca”.

Em (4), a preposição “em” em conjunto com “Bruxelas” constitui um sintagma adverbial. Ou seja, acompanha o verbo “morar”, indicando circunstância de “lugar”, semelhante a este exemplo dado por Perini (2005, p. 334): “Míriam mora *em* Fortaleza”. Do ponto de vista da Ecologia das Relações Espaciais (ERE), julgamos que o sentido prototípico se manteve, pois, quem “mora” permanece por um período em determinado local. E essa ideia de permanência é reforçada pela etimologia, dado que “morar” deriva do latim “morari”³ que significa “tardar”. Disso decorrem palavras como “demora”,

³ NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955, p. 342.

“moratória”, “morosidade”. No contexto da língua italiana, “morari” resultou no verbo “dimorari”, que também é regido pela preposição “in”, como podemos ver neste exemplo: “Ha dimorato per anni **in** una piccola mansarda.”⁴. Todavia, os verbos mais usuais para expressar essa noção de “morar” são “vivere” ou “abitare”: “Maria abita **in** un quartiere della classe media.”⁵.

Em continuação, percebemos que o uso de “em” na sentença (5) se distancia do sentido prototípico da ERE. Tendo em conta que a preposição “em” ocupa o centro do cubo tridimensional da ERE, notamos que ela tangencia tanto o eixo horizontal, quanto o eixo vertical. Logo, é uma posição que possibilita remanejamento para diferentes direções. Por isso, pela dinamicidade da língua, somada à versatilidade de “em”, a noção de “interioridade” se amplia para indicar “em cima de”. Ou seja, “pôr-se deitado **em**” implica estar “sobre”. Exceto se essa superfície conseguir acomodar o corpo todo: rede, berço, caixão etc., situações para as quais poderíamos admitir a noção prototípica.

Quanto ao enunciado (6), percebemos que a noção prototípica da ERE não é a que está evidente. Devido à relação de subordinação com o verbo “chegar”, a preposição “em” evoca uma ideia de “deslocamento”. Embora saibamos que o verbo “chegar” esteja passando por um processo de abstratização, haja vista construções como “Essa roupa é muito *cheguei*”, “Um *chega* pra lá quem vai lhe dar sou eu”, “Não *chega* nem aos pés de nenhum concorrente”, “O barulho foi tão grande que *chega* estremeceu as paredes da casa” etc., seu uso nessa sentença se aproxima do sentido pleno: “atingir um ponto da trajetória”.

Em relação à forma aglutinada “na” em (7), a preposição está indicando que acidentalmente uma moeda pendeu das mãos de uma pessoa, e caiu “dentro” de sua boca. O foco, no entanto, não é o deslocamento do objeto, mas o “estado” no qual ele se encontra, tendo em conta que é iminente o risco de um acidente. Pelo viés do cubo tridimensional da ERE, o uso de “em” nessa sentença se relaciona à noção prototípica de “interioridade”, haja vista que o que está sendo evidenciado é a localização da moeda: dentro da boca.

No Anexo 4 (Guerra, 2023, p. 59-60), constatamos que a preposição “em” foi utilizada em quatro sentenças.

8. “Gostaria comprar a sua melhor sobremesa artesanal **em** forma de pomba”.
9. “[...] voi fazer um concurso **nos** dias de Páscoa!”.
10. “**Na** semana passada fui à loja vencedora”.
11. “[...] uma empregada parou de atender um cliente e comemorou com a outra **na** caixa”.

No exemplo (8), a preposição “em” compõe uma locução adjetiva “**em** forma de”, que modifica o núcleo nominal ao qual ela se refere, “sobremesa”. Isso posto, percebe-se que a noção prototípica

⁴ “Ele viveu por anos em um pequeno sótão.”.

⁵ “Maria mora em um bairro de classe média.”.

de “interioridade” se conserva, pois, o cliente deseja encomendar um pão doce com as dimensões características de uma pomba, que simboliza a paz de Cristo na liturgia do cristianismo. Para obter esse padrão, o padeiro precisará assar a massa “dentro de” uma forma que apresente os moldes para essa finalidade, ou seja, “enformar”.

Em (9) e (10), verificamos que o aprendente recorreu às formas aglutinantes de “em” para designar períodos de tempo específicos, “dias de Páscoa” e “semana passada” respectivamente. Logo, as relações que essas preposições estabelecem é de temporalidade. Se nos ativermos a esse valor, perceberemos que é plausível a hipótese da ERE de que originariamente as preposições são espaciais, dado que os acontecimentos se realizam “dentro de” um espaço de tempo. No tocante a isso, Ilari (2015, p. 196) corrobora essa perspectiva ao afirmar que “o sentido temporal deriva de uma representação espacial que se perdeu”.

Quanto à sentença (11), julgamos que a preposição “em” da forma aglutinada “na” se distancia da noção prototípica da ERE. Por um critério de razoabilidade, inferimos que a funcionária da confeitaria está celebrando algo com alguém “contígua à” seção onde são feitos os pagamentos e os recebimentos. No contexto do enunciado, o emprego de “em” descreve uma posição funcional ou papel social dentro de um estabelecimento comercial, não uma localização física.

Em relação ao Anexo 6 (Guerra, 2023, pp. 61-63), identificamos oito usos da preposição “em”.

15. “A história [...] aconteceu há alguns anos, **no** verão”.
16. “Eu moro **no** primeiro andar”.
17. “Eu moro [...] **no** centro de Roma”.
18. “[...] abri os olhos e vi **na** janela um estranho”.
19. “[...] vi na janela um estranho que tentava entrar **no** quarto”.
20. “[...] há tantos casos **em** que ladrões entram na janela”.
21. “[...] ladrões entram **na** janela, borbifam alguma coisa”.
22. “[...] minha filha não acordou e continuou a dormir **em** paz”.

Em (15), a preposição “em” conserva o sentido prototípico da ERE, pois, afirmar que uma ação transcorreu em determinada estação do ano (“**no** verão”), implica dizer que se realizou “dentro” de um espaço delimitado de tempo. Quanto a essa ideia, o linguista Ronald W. Langacker (1987, p. 189-190) defende uma hipótese interessante, vale frisar que não comprovada empiricamente, a de que seria um fenômeno cognitivo comum compreendermos os eventos⁶ como se fossem “coisas”, pois, dessa forma, nós os imaginaríamos com fronteiras definidas, a partir das quais, outros objetos físicos

⁶ Esse conceito de “evento” foi retomado dos estudos de Zeno Vendler (1967, p. 122-146).

poderiam ser dispostos. Em outros termos, essas “bounded regions” funcionariam como pontos de referência locativos.

Em continuação, as sentenças (16) e (17) demandam análise semelhante àquela que fizemos em (4). O que a experiência dessas situações de “morar *em* Bruxelas”, “morar *no* primeiro andar” e “morar *no* centro de Roma” evoca é a sensação de estar contido nesses espaços. Logo, tal fato reforça o sentido prototípico de “em”.

Quanto à sentença (18), consideramos que a preposição teve seu sentido prototípico remanejado para indicar “contiguidade”. Partindo do pressuposto de que o “ladrão” não poderia estar “dentro” dos limites da janela, visto que a estrutura não apresenta uma configuração física que o possibilite adentrá-la, a ação que efetivamente ocorre é de estar em uma posição contígua, próxima, “em contato” com esse vão da parede. A partir do momento em que o “ladrão” conseguir transpor a janela do quarto, conforme exemplificado em (19), observaremos outro emprego de “em”. Nessa situação, a preposição estará acompanhando o verbo “entrar”, cujo significado é “passar de fora para dentro”, circunstância que contribuirá para a manutenção do sentido prototípico de “em”.

Em (20), identificamos que a preposição “em” está precedendo o pronome relativo “que”. Por efeito de “tantos casos” não configurar um espaço físico tangível, o uso do advérbio “onde” seria inadequado sob a perspectiva da gramática normativa. No entanto, é comum nos depararmos com frases como: “Estamos vivendo uma época difícil *onde* as pessoas acham que podem dizer tudo o que querem”. Se está em consonância ou não com as regras gramaticais, o ponto é que “em que” equivalendo a “onde” deixa implícita a ideia de referência a “lugar”. Isso posto, concluímos dois aspectos. O primeiro diz respeito à primariedade espacial das preposições, conforme sugerido por Pottier (1962, *apud* Couto, 2017, p. 196). O segundo está relacionado à permanência do sentido prototípico de “em”, visto que, dentre tantas situações problemáticas, o estudante se refere especificamente a de ladrões invadindo casas. Ou seja, um fato é selecionado e inserido no “caso” mencionado.

A análise da sentença (21) é similar à (18), isto é, o sentido prototípico foi remanejado para indicar um ponto “em contato”. Em (22), a expressão “*em* paz”, cuja origem advém da locução latina “*requiescat in pace*” (“descansa em paz”), indica o estado de espírito de uma pessoa que não é perturbada por inquietações. Se fôssemos analisar a preposição “em” pelo viés de uma gramática normativa, limitaríamos-nos a classificá-la como um elemento destituído de valor semântico, quer dizer, um mero índice de função sintática, concorrendo com a ideia de “servidão gramatical” apresentada por Bechara (2009, p. 368). Entretanto, nós não nos comunicamos visando regras gramaticais. Se o estudante optou pela locução adverbial “em paz” para acompanhar o verbo “dormir”, essa seleção não é tão somente sintática. Utilizar “paz” no lugar de “tranquilamente”, por exemplo, nos dá uma ideia do quanto as metáforas são necessárias para organizar de maneira racional nossas experiências (Lakoff, Johnson, 2009, p. 64). Ao passo em que configuramos uma coisa não física como um objeto ou substância, surge um ponto de referência através do qual podemos nos orientar. Dito isso, “em” mantém o sentido prototípico, haja vista que remete à ideia de que o sono da pessoa estava “contido” em um estado de calma, de tranquilidade, de “paz”.

No que diz respeito ao Anexo 13 (Guerra, 2023, p. 69), constatamos dois usos da preposição.

41. “[...] vai **em** pausa (da caixa)”.

42. “[...] corre **na** sua direção”.

Embora não seja uma expressão comum no português, na verdade, nesse contexto, recorde-me apenas de frases como “Vá **em** missão de paz”, a ideia da frase (41) equivale a “dar uma pausa, fazer um intervalo”. Na situação descrita, a leitora da carta está sendo aconselhada a tentar descobrir os dias em que o rapaz de que ela gosta costuma ir ao local de trabalho dela, no caso, um posto de gasolina. Quando ela o vir, deverá “parar” o que está fazendo, e correr em sua direção. A preposição, portanto, teve seu sentido prototípico remanejado para expressar “finalidade”, função, tradicionalmente desempenhada pela preposição “para” ou pela locução prepositiva “a fim de”.

Em (42), o “em” da forma aglutinada está indicando o movimento ou deslocamento em direção à pessoa mencionada. Essa preposição, portanto, denota uma relação espacial, demonstrando o alvo ou o destino para o qual se corre. Isso posto, consideremos que seu sentido prototípico foi remanejado para indicar não apenas o deslocamento físico, mas também a direção ou o objetivo figurativo de uma intenção. Assim, o uso do “em” amplia sua abrangência semântica para além do aspecto puramente espacial, permitindo a expressão de movimentos metafóricos, como movimento em direção a um objetivo.

No que diz respeito ao Anexo 17 (Guerra, 2023, p. 70-72), esse foi o texto que mais apresentou usos de “em”, totalizando nove ocorrências.

47. “Escrevo esta carta esperando que seja publicada **em** seu jornal”.

48. “Escrevo esta carta esperando que seja publicada [...] **na** seção “Escreve o leitor”.

49. “Eu moro há muitos anos **neste** bairro residencial”.

50. “O bairro onde eu moro [...] está localizado **em** uma colina”.

51. “Todas as pessoas preferiram este bairro para morar **na** tranquilidade”.

52. “Todos nós sabemos que **neste** bairro não deve haver nenhuma atividade comercial”.

53. “[...] **em** vez disso, descobrimos que o município há emitido uma licença para a abertura de um restaurante”.

54. “Um restaurante **no** nosso bairro”.

55. “Haverá mais tráfego [...] e maior perigo para os nossos filhos que vão **em** bicicleta”.

Relativamente às sentenças (47) e (48), percebemos que a preposição “em” mantém a noção prototípica. Na primeira frase, “*em* seu jornal” especifica o veículo de mídia em que o autor da carta espera que ela seja divulgada. Na segunda, “*na* seção” indica as partes constituintes dentro do jornal, cuja seção “Escreve o leitor” é destinada às correspondências.

Depreende-se de (49) que a contração da preposição “em” mais o pronome demonstrativo “este” estabelece uma relação de pertencimento do falante em relação ao local mencionado. Logo, consideramos que o sentido prototípico foi mantido, já que “morar” implica permanecer ou residir em um lugar por um período prolongado de tempo.

Em relação à sentença (50), essa suscitou dúvidas, pelo motivo de entendermos que dependendo do ponto de vista e da forma como a localização é descrita, teremos ou não a manutenção da prototipicidade de “em”. Isto é, o bairro pode se localizar “dentro” da área geográfica da colina, sugerindo que ele está posicionado no interior ou nas encostas da colina, ou o bairro pode estar situado no topo da colina, transmitindo a ideia de que ele está literalmente “sobre” a superfície da colina. Essa construção ressaltaria a posição elevada do bairro em relação ao terreno circundante. O fato é que ambas as formas de expressão são válidas, de modo que a escolha entre “*em* uma colina” e “*sobre* a colina” vai depender do ponto de vista, da ênfase que se deseja dar à localização.

No contexto da expressão “morar *na* tranquilidade” de (51), a forma aglutinada “na” introduz a informação de localização, indicando que a tranquilidade é o estado em que alguém está inserido ou no qual habita. Portanto, esse uso se coaduna à noção prototípica pela ERE.

Em (52), o pronome demonstrativo “neste” é composto pela preposição “em”, que contribui com o valor semântico de inclusão. Quando alguém menciona “neste bairro”, a concepção de espaço não se refere meramente a qualquer localização, mas a um ponto específico, que pode abranger tanto a relação física entre objetos e interlocutores envolvidos na comunicação, quanto a ocupação física desse espaço por esses objetos e interlocutores.

Quanto à (53), a expressão “*em* vez de” equivale a “*em* lugar de”. Essa locução é comumente utilizada para denotar preferência, mudança de plano ou alternativa. Ao contrastar duas opções, e destacar a preferência por uma em detrimento da outra, evidencia-se que algo foi selecionado em substituição ao que era esperado. Neste caso, ao invés da expectativa de não ter atividades comerciais no bairro, constatou-se que o município emitiu uma licença para abrir um restaurante. Dito isso, consideramos que “em” manteve sua concepção prototípica, visto que indica lugar no qual a substituição ocorrerá.

A preposição na sentença (54) indica a localização espacial do restaurante “dentro” dessa área em particular, situado no mesmo espaço geográfico ou área de abrangência desse bairro. Logo, concluímos que o sentido prototípico foi mantido.

Certamente que a expressão “vão *em* bicicleta” em (55) soará estranha para os falantes de português. No entanto, este exemplo pode ser uma evidência de interferência linguística do italiano, já que ideia similar seria dita como “Andremo in città *in* bicicletta” (“Vamos *de* bicicleta até à cidade”).

Em todo caso, a relação entre um verbo que expressa movimento “ir”, e a preposição “em” denota a ideia de “meio” através do qual ocorrerá o deslocamento. Logo, podemos considerar remanejamento do sentido prototípico.

3.1. Frequência de usos da preposição

A tabela 1 a seguir apresenta os resultados da análise das ocorrências da preposição “em” e de suas formas aglutinadas em um *corpus* exemplificativo de 27 enunciados. Dentre esses textos, verificou-se que em 18 deles o sentido prototípico foi mantido. Por outro lado, os sentidos foram remanejados em 8 sentenças. Esses dados revelam que cerca de 69% dos exemplos analisados apresentaram usos prototípicos, enquanto que aproximadamente 31% exibiram usos não-prototípicos. Cabe ressaltar que o enunciado (50) suscitou dúvidas quanto à interpretação. Devido a essa dualidade, trataremos como um caso à parte.

Tabela 1: Categorização dos usos da preposição

Prototípico	Não-prototípico
(4) (7) (8) (9) (10) (15) (16) (17) (19) (20) (22) (47) (48) (49) (51) (52) (53) (54)	(5) (6) (11) (18) (21) (41) (42) (55)

Fonte: Elaboração das autoras

A tabela 2 apresenta os dados dos efeitos de sentido nas sentenças em que a prototipicidade da preposição “em” foi mantida, destacando a noção de “interioridade”.

Tabela 2: Categorias semânticas dos usos prototípicos

Prototípico	Efeitos de sentido
(4) (7) (16) (17) (19) (48) (49) (52) (54)	Localização simples
(9) (10) (15)	Localização no tempo
(47) (53)	Localização metafórica
(20)	Inclusão
(8)	Forma
(22) (51)	Estado

Fonte: Elaboração das autoras

A tabela 3 apresenta os efeitos de sentido dos usos não-prototípicos da preposição “em”, revelando a diversidade de significados dentro da rede polissêmica. Os resultados nos fornecem uma compreensão mais abrangente do potencial semântico desse conectivo.

Tabela 3: Categorias semânticas dos usos não-prototípicos

Não-prototípico	Efeitos de sentido
(5)	Em cima de, sobre
(6) (42)	Deslocamento, movimento para
(11) (18) (21)	Contiguidade, proximidade, adjacência
(41)	Finalidade
(55)	Meio

Fonte: Elaboração das autoras

4. Considerações finais

A partir da análise de 5 textos selecionados do *corpus* de uma dissertação de mestrado (Guerra, 2023), mapeamos 27 enunciados de usos da preposição “em” pelos falantes de italiano como língua materna que estão estudando português brasileiro. Desse rol exemplificativo, identificamos que 18 enunciados mantiveram a prototipicidade, ao passo que 8 apresentaram um sentido remanejado. Esses resultados evidenciam a complexidade da interpretação linguística e a influência do contexto na escolha preposicional. Nesse sentido, entender os efeitos de prototipicidade é fundamental para uma aprendizagem efetiva da língua adicional. Ao focar inicialmente nos usos prototípicos, o aprendiz constrói uma base sólida de conhecimento gramatical e lexical. Essa compreensão dos padrões centrais da língua-alvo, aliada à percepção da variação contextual, capacita-o a se comunicar mais fluentemente.

Conclui-se, portanto, que o estudo dos usos da preposição “em” é fundamental para o desenvolvimento de uma competência linguística adequada no português brasileiro. Além disso, a investigação dos usos das preposições em geral pode fornecer diretrizes para o ensino dessa classe gramatical. É necessário refletir sobre os diversos efeitos de sentido presentes na rede polissêmica da preposição “em”, considerando a natureza fluida e dinâmica da língua. Paralelamente, é importante conciliar as pesquisas desenvolvidas nesse campo com a elaboração de materiais didáticos, uma vez que os estudantes frequentemente enfrentam dificuldades significativas no uso das preposições.

Para aprimorar o ensino das preposições de forma eficaz, é necessário adotar estratégias didáticas que vão além da simples memorização. Isso inclui contextualizar o ensino, destacar as combinações mais comuns, utilizar uma variedade de recursos multimodais, promover práticas autênticas de uso da língua, e fornecer feedback específico e revisão contínua. Ao integrar as preposições em situações reais e relevantes, os educadores têm a oportunidade de envolver os estudantes de maneira mais significativa, o que pode resultar em uma aprendizagem mais assertiva e duradoura.

Referências

ALBUQUERQUE, Davi Borges de. *Palavras iniciais sobre a metodologia em ecolinguística*. Anápolis: Via Litterae, v. 7, n. 1, 2015.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Editora Fronteira, 2009.

COUTO, E. K. N. N. do; FERNANDES, Eliane Marquez da Fonseca. Aquisição de língua: uma perspectiva ecolinguística. Porto Alegre: *Letras de Hoje*, v. 48, n. 3, pp. 290-298, jul./set. 2013.

COUTO, H. H. do. A metodologia na linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 4, n. 2, 2018.

COUTO, H. H. do. *Linguística Ecossistêmica: um novo modo de estudar os fenômenos da linguagem*. In: COUTO, E. K. N. N. do *et al.* (org.). *Linguística Ecossistêmica - 10 anos de Ecolinguística no Brasil*. Campinas: Pontes Editores, 2017.

COUTO, H. H. do. Linguística Ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, v. 1, n.1, 2015.

COUTO, H. H. do. Onomasiologia e Semasiologia revisitadas pela Ecolinguística. Belo Horizonte: *Revista Estudos Linguísticos*, v. 20, n. 2, pp. 183-210, 2012.

COUTO, H. H. do. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem & Sociedade*, v. 14, n. 1, 2013.

COUTO, H. H. do. *Ecologia das preposições espaciais portuguesas*. Lusorama. 2010.

COUTO, H. H. do. *Ecologia das Relações Espaciais: as preposições do crioulo guineense*. São Paulo: PAPIA: Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, n. 17, 2007.

FIEDLER, Maico Stochero *et al.* Ecologia I: explorando as inter-relações da vida sob a ótica evolutiva. In: VIEIRA, Gilberto Cavalheiro; ARAÚJO, Leonardo Augusto Luvison. *Ensino de Biologia: uma perspectiva evolutiva / Volume I: Interdisciplinaridade & Evolução*. Porto Alegre: Instituto de Biociências da UFRGS, 2021.

FILL, Alwin Frank. Ecolinguística: a história de uma ideia verde para o estudo da linguagem. UnB: *Eco-Rebel*, v. 1, n. 1, pp. 7-21, 2015.

GARNER, Mark. *Language: an ecological view*. Oxford/Berlim: Peter Lang, 2004.

GUERRA, Stephanie de Carvalho; COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do. Usos de preposições por falantes de italiano como língua materna na aprendizagem do português brasileiro como língua adicional: uma visão linguístico-ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, v. 9, n. 2, pp. 147-165, 2023.

GUERRA, Stephanie de Carvalho. *Usos de preposições por falantes de italiano como língua materna na aquisição do português brasileiro como língua adicional: uma visão linguístico-ecossistêmica*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás: Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2023.

ILARI, Rodolfo. *Gramática do português culto falado no Brasil: volume IV: palavras de classe fechada*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas de la vida cotidiana*. 8. ed. Tradução de Carmen Gonzalez Marin. Madrid: Cátedra, 2009.
- LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987, v. 1.
- PERINI, MÁRIO A. *Gramática descritiva do português*. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2005.
- POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Bahia: EDUFBA, 2002.
- POTTIER, Bernard. *Grammaire de l'espagnol*. Paris: Presse Universitaire de France, 1969.
- POTTIER, Bernard. *Systématique des éléments de relation: étude de morphosyntaxe structurale romane*. Paris: Librairie Klincksieck, 1962.
- SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. Tradução de Joaquim Mattoso Câmara Júnior. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- SILVA, Cleber Cezar da. *A relação entre língua e meio ambiente nos hidrônimos do estado de Goiás*. Tese (Doutorado). Brasília: Universidade de Brasília, 2020.
- SIMIÃO, Lajla Katherine Rocha. *Um estudo Ecolinguístico do uso de preposições em redações de vestibulares*. Dissertação (mestrado). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2018.
- VENDLER, Zeno. *Linguistics in philosophy*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1967.

Anexos

Anexo 2



ccbi.roma@itamaraty.gov.br

Estudante: A. B. / PLE - Curso Intermediário I

Issa é uma verdadeira história autobiográfico.

Era o ano 1990 aproximadamente e eu morava em Bruxelas.

Eu estava deitado no banco de trás do carro e estava chegando em casa com meus pais.

Eu estava olhando uma moeda de 1 franco belga com os braços levantados.

De repente, a moeda caiu das minhas mãos, terminando na minha boca e eu a engolhi.

Depois três dias, a moeda felizmente saiu.

Este é um episódio que nunca esquecerei.

Hoje eu ainda tenho essa moeda como uma lembrança de um ruim episódio da minha infância.

Vocês escolhem se esta história é assustadora ou engraçada.

Anexo 4



ccbi.roma@itamaraty.gov.br

Estudante: A. A. / PLE - Curso Intermediário I

Há poucos dias, fui a três boas pastelarias perto da minha casa e disse: “Gostaria comprar a sua melhor sobremesa artesanal em forma de pomba porque vou fazer um concurso nos dias de Páscoa!

Depois eu disse os nomes das outras duas lojas concorrentes do bairro e já foi muito divertido ver os donos, ou ajudantes, preocupados com qual sobremesa vender para mim.

Na semana passada fui à loja vencedora e o que aconteceu quando o comuniquei foi inesperado: uma empregada parou de atender um cliente e comemorou com a outra na caixa, o dono me regalou uma pomba e fiquei surpreso e muito engraçado.

Assim encomendei um troféu com placa pela internet e vou trazer para eles quando chega!

Anexo 6



ccbi.roma@itamaraty.gov.br

Estudante: S. K. / PLE - Curso Intermediário I

A história assustadora que me assustou por tanto tempo aconteceu há alguns anos, no verão. Estava muito quente e deixei as janelas abertas. Eu moro no primeiro andar, no centro de Roma, onde a polícia está sempre presente, patrulha o tempo todo. Apesar disso, um sexto sentido me fez acordar, abri os olhos e vi na janela um estranho que tentava entrar no quarto, onde eu dormia com minha filha e meu marido.

Comecei a gritar loucamente de medo e, enquanto meu marido corria para a janela, o ladrão pulava e fugia. Meu marido correu atrás dele, mas nunca mais o viu. A polícia nos disse, há tantos casos em que ladrões entram na janela, borrifam alguma coisa e fazem as pessoas dormirem e depois roubam coisas. Foi um choque total e por muito tempo eu acordava assustado à noite. Graças a Deus minha filha não acordou e continuou a dormir em paz.

Anexo 13



ccbi.roma@itamaraty.gov.br

Estudante: A. B. / PLE - Curso Intermediário I

Recife 26 de julho 2021,

Cara Borboleta aflita do Capital,

Tente compreender quais são os dias que o rapaz do qual você gosta vem ao posto de gasolina. Depois quando você vê ele chegar vai em pausa (da caixa) e corre na sua direção para perguntar-lhe se necessita outras coisas do bar. Depois presentese e vai ver que qualquer coisas acontecerão.

Abraços,
Candinha

Anexo 17

ccbi.roma@itamaraty.gov.br

Estudante: F. V. / PLE - Curso Básico II

Querido Diretor,

Escrevo esta carta esperando que seja publicada em seu jornal na seção “Escreve o leitor” e lida pelo prefeito de nossa cidade.

Eu moro há muitos anos neste bairro residencial, muito tranquilo, onde não há muito tráfego e as ruas são muito limpas.

O bairro onde eu moro é longe do centro da cidade e está localizado em uma colina de onde você pode desfrutar de uma bela vista sobre toda a cidade.

Os prédios são baixos e todos têm jardins onde nossos filhos jogam.

É um bairro onde não têm atividades comerciais, não têm bares e restaurantes.

Todas as pessoas preferiram este bairro para morar na tranquilidade.

Todos nós sabemos que neste bairro não deve haver nenhuma atividade comercial e, em vez disso, descobrimos que o município há emitido uma licença para a abertura de um restaurante.

Escrevo para comunicar toda a nossa oposição a esta decisão.

Um restaurante no nosso bairro significa ter ruídos contínuos perturbando dia e noite.

As ruas estarão cheias de lixo e será muito difícil estacionar os nossos carros.

Haverá mais tráfego com um aumento da poluição atmosférica e maior perigo para os nossos filhos que vão em bicicleta.

Espero que o meu protesto ajude a cidade a mudar sua decisão.

Atenciosamente